

O ESQUECIMENTO: UM *LEITMOTIV* DE ERICO VERISSIMO

EL OLVIDO: UN LEITMOTIV DE ERICO VERISSIMO

Maria Cristina Ferreira dos Santos¹

Resumo: Há uma vasta fortuna crítica acerca das obras de Erico Verissimo, sob diferentes enfoques exegeticos. No entanto, a questão do esquecimento, sua forte presença em todos os seus romances, como determina as ações das personagens e os desfechos, tornando-se um *leitmotiv*, carece de estudo. Dessa forma, o presente artigo, que é um recorte de minha tese doutoral, tem como escopo evidenciar as recorrências dos diversos tipos de olvido – como refúgio, de reserva, involuntário, político, autoimposto e impossível – nas narrativas do autor e como são forças motrizes para os enredos. Além disso, Erico Verissimo contribui com um novo viés para a história do esquecimento. Serão utilizados os pressupostos teóricos de Harald Weinrich (2001), Sigmund Freud (1969), Friedrich Nietzsche (2003), Henri Bergson (2006), Paul Ricoeur (2007), Russell Jacoby (1977), Jacques Le Goff (1992) e Pierre Nora (1993).

Palavras-chave: Romances. Erico Verissimo. Esquecimento. *Leitmotiv*. Personagens.

Resumen: Existe una gran fortuna crítica sobre la obra de Erico Verissimo, bajo diferentes enfoques exegeticos. Sin embargo, la cuestión del olvido, su fuerte presencia en todas sus novelas, que determina las acciones y desenlaces de los personajes, y se convierte en un *leitmotiv*, necesita estudio. Así, el presente artículo, que es un extracto de mi tesis doctoral, pretende resaltar las recurrencias de los diversos tipos de olvido - como refugio, reserva, involuntario, político, autoimpuesto e imposible - en las narrativas del autor y cómo son impulsores de fuerzas para las tramas. Además, Erico Verissimo aporta un nuevo giro a la historia del olvido. Se utilizarán los supuestos teóricos de Harald Weinrich (2001), Sigmund Freud (1969), Friedrich Nietzsche (2003), Henri Bergson (2006), Paul Ricoeur (2007), Russell Jacoby (1977), Jacques Le Goff (1992) y Pierre Nora (1993).

Palavras clave: Novelas. Erico Verissimo. Olvido. *Leitmotiv*. Personajes.

Introdução

Ao longo de minha trajetória acadêmica, reli muitas vezes as obras de Erico Verissimo. Na adolescência, por predileção estilística, na graduação com o intuito de desenvolver um projeto para ingressar no Mestrado, durante o período de pós graduação, para embasar minha dissertação que abordou a dialética do esquecimento em *Saga*, romance ambientado na Guerra Civil Espanhola, em que o olvido, seu desejo ou repulsa, tece a narrativa da personagem Vasco Bruno. No intervalo para a fase doutoral, me embrenhei em

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Literatura Brasileira (UFRGS). Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas (UNESPAR). Especialista em Línguas Estrangeiras Modernas (UNESPAR). Graduada em Letras Português/Espanhol e Português/Inglês (UNESPAR). Professora da área de Linguagens da rede pública de Santa Catarina.

sua produção romanesca com o intuito de embasar a ideia de tese que palpitava em minha mente por anos, a saber, o esquecimento é um dos motivos condutores do escritor, a força motriz de seus enredos e uma chave de leitura, na medida em que perpassa sua incipiente *Clarissa* até o derradeiro *Incidente em Antares*. Além de se fazer presente, também, em suas narrativas de viagem e em suas memórias – *Solo de Clarineta*.

Neste artigo, há um recorte de minha tese, cujo corpus compreendeu todos os romances de Erico – *Clarissa* (1933), *Caminhos Cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936) *Um lugar ao sol* (1936) , *Olhai os lírios do campo* (1938) , *Saga* (1940), *O resto é silêncio* (1942), *O tempo e o vento* (1949), *Noite* (1954), *O senhor embaixador* (1965), *O prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971), e que teve como escopo mostrar que o esquecimento perpassa todos eles, determinando enredos, personagens e desfechos.

A fortuna crítica sobre a produção literária de Erico aponta a liberdade como um dos temas recorrentes, como afirma Otto Maria Carpeaux “[...] o anseio do povo brasileiro, anseio tão profundo que enfim, na obra de Erico Verissimo, até os mortos estão falando dela e sonhando com ela: é a liberdade” (CARPEAUX, 1980, p. 39). Além disso, a denúncia social e a relação paterna são considerados *leitmotive*. No entanto, não há estudos sobre a recorrência do olvido nas narrativas, tornando minha tese inédita dentre a fortuna crítica e os trabalhos acadêmicos sobre as obras de Erico Verissimo.

O esquecimento como refúgio

Quando lemos os romances de Erico Verissimo, percebemos que há, através das personagens, sempre uma discussão sobre o esquecimento. Em alguns enredos é mais latente que em outros. O esquecimento é, muitas vezes, benéfico, sendo uma forma de encontrar paz, ou alegria, outras é maléfico, pois alguns acontecimentos não devem ser olvidados, ou, ainda, aparecem como um esquecimento forçado, além de momentâneo. Há casos em que se menciona o esquecimento involuntário, pois mesmo não havendo nenhum esforço ou vontade de se olvidar algum acontecimento, isso ocorre de qualquer forma.

Paul Ricoeur (2007), em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, coloca o olvido no mesmo patamar de importância da História e da memória, e elenca os tipos de esquecimento supramencionados, ou seja, temporário, de reserva, benéficos, maléficos, comandados, e assim por diante. Para ele, a escrita da História, que resulta da concomitância

entre memória e esquecimento, é como o *phármakon* do *Fedro*, de Platão. Acrescentaria que, para nossa análise da recorrência do esquecimento nas obras romanescas de Erico Verissimo, o olvido pode ser concebido como um *phármakon* porque abarca a dialética do veneno e do remédio, seja para as personagens, para os enredos, ou para o legado histórico.

Paul Ricoeur usa como premissa o discurso de *Fedro* para designar a historiografia da mesma maneira que Sócrates concebeu a escrita em geral, ou seja, como simulacro indigno de confiança. E aqui comparamos o esquecimento ao *phármakon* devido às suas diversas facetas e consequências.

O filósofo francês, partindo da premissa que o esquecimento versus memória é uma aporia, ou seja, a manifestação da presença do ausente sempre passível de mudanças, categoriza as manifestações do olvido em diversos setores. Um deles é o esquecimento por apagamento dos rastros, isto é, a extinção de traços corticais, abarcando a fronteira entre o normal e o patológico, e a dúvida de sua execução, posto que porções inteiras do passado, consideradas perdidas, podem retornar, ou seja: “Uma das razões para acreditar que o esquecimento por apagamento dos rastros corticais não esgota o problema do esquecimento é que muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados da memória” (RICOEUR, 2007, p. 452). Este tipo está mais associado à infelicidade como possibilidade do olvido definitivo, à perda de parcelas mnemônicas, tanto individuais quanto coletivas.

Outra forma é o olvido de reserva, que diz respeito às camadas mnemônicas ocultas, as quais retornam com estímulos apropriados. Para o autor, esta manifestação é altamente positiva, pois é como se reaprendêssemos o passado no presente e tivéssemos a ausência na presença. E usando como pressuposto as ideias de Martin Heidegger acerca do assunto, Ricoeur salienta que o suposto apagamento de um fragmento temporal abre espaço para o ser pensar sobre si mesmo e sobre sua memória, buscando, na reserva, o que havia aparentemente apagado: “Pois é no modo do esquecimento que o ser-sido “abre” primariamente o horizonte no qual, ao se engajar nele, o Dasein perdido na exterioridade daquilo com que se preocupa pode se lembrar” (RICOEUR, 2007, p. 450). Há, também, o esquecimento manifesto, ou seja, quando se sustenta que uma informação, uma data, um acontecimento ou um período foram perdidos nas correntes do Lete. Ademais, o autor menciona o esquecimento e a

memória manipulada, isto é, mais relacionado aos acontecimentos históricos, quando o lado vencedor ludibria os relatos:

O recurso à narrativa torna-se uma armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou sedução, de medo ou de lisonja. Está aqui em ação uma forma ardilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos. Mas esse desapossamento não existe sem uma cumplicidade secreta, que faz do esquecimento um comportamento semipassivo e semi-ativo, como se vê no esquecimento de fuga, expressão da má-fé, e sua estratégia de evitação motivada por uma obscura vontade de não se informar, de não investigar o mal cometido pelo meio que cerca o cidadão, em suma por um querer-não-saber. (RICOEUR, 2007, p. 455)

Além disso, Ricoeur arrola a anistia como uma declaração a qual proíbe que uma parte do passado seja lembrada ou comentada, concedendo a possíveis criminosos de guerra, conflitos ou regimes totalitários o perdão e a imunidade quanto a comentários e cobranças sobre seus crimes. Para ele, este tipo é maléfico, na medida em que os cidadãos que não a receberam, e que sofrem de traumas históricos, são privados de transmutá-los, pois, para isso, precisam da reapropriação lúcida dessa carga do pretérito.

Nas descrições sobre o olvido, Paul Ricoeur enfatiza o caráter dialético e mutável de suas manifestações, posto que:

De um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos como uma pequena felicidade o retorno de um fragmento do passado arrancado, como se diz, ao esquecimento. As duas leituras prosseguem no decorrer de nossa vida – com a permissão do cérebro. (RICOEUR, 2007, p. 427)

Na produção romanesca de Erico Verissimo, há muitos dos tipos elencados pelo filósofo, como, por exemplo, o comandado ou de reserva. Uma das maneiras que o esquecimento dialeticamente se manifesta, e que não está presente na sua classificação, é na qualidade de refúgio, como uma distração, ou seja, determinadas personagens buscam um entretenimento para olvidar um fato nocivo ou uma pessoa indesejada.

No primeiro romance de Erico Verissimo, denominado *Clarissa*, a protagonista vive uma rotina pacata de normalista na capital gaúcha, onde mora com uma tia numa pensão. Porém, quando retorna à sua cidade após terminar o curso de Magistério, encontra sua família mergulhada em problemas, pois seu pai sofre devido à decadência do patriciado rural, e é ela quem tem de sustentar a casa com seu ordenado de professora primária. Por isso, muitas

vezes, deseja uma distração para esquecer a tristeza e o constrangimento suscitado por seu pai, pelas lamúrias de sua mãe e as loucuras de seu primo Vasco. Seu poeta preferido é o caminho para o esquecimento. Ao lê-lo, ela se olvida das intempéries. Clarissa parece estar farta da carga memorialística da família. Para ela, olvidar é ter um momento de felicidade e, para isso, cria no universo de leitura de seu poeta preferido o refúgio das lembranças.

Friedrich Nietzsche, em sua obra *Segunda consideração intempestiva* (2003), concebe o esquecimento como atividade favorável, assim como a personagem Clarissa. O esquecimento é, para o filósofo, como a digestão de alimentos, a qual proporciona alívio, limpeza e, neste caso, saúde psíquica. O excesso de memória debilita o homem e é por ele designado como “doença histórica”. Ele associa o esquecimento à felicidade:

No entanto, em meio à menor como em meio à maior felicidade é sempre uma coisa que torna a felicidade o que ela é: o poder-esquecer ou, dito de maneira mais erudita, a faculdade de sentir a-historicamente durante a sua duração. Quem pode se instalar no limiar do instante, esquecendo todo passado, quem não consegue firmar pé em um ponto como uma divindade da vitória sem vertigem e sem medo, nunca saberá o que é felicidade, e ainda pior: nunca fará algo que torne os outros felizes. (NIETZSCHE, 2003, p. 9)

O enredo de *Caminhos cruzados*, segundo romance de Erico Verissimo, é composto por diversas personagens e, algumas delas, demonstram a vontade de esquecer alguns episódios ou situações cotidianas. Muitas vezes, o esquecimento é um refúgio momentâneo para os problemas, como é o caso de João Benévolo, uma das personagens que mais objetivam fugir à realidade, olvidá-la, como podemos ver nos excertos abaixo: “João Benévolo lê e esquece” (VERISSIMO, 2005, p. 61); “Para esquecer tudo – a sua vida, o automóvel de luxo, o vizinho tuberculoso e a mulher – João Benévolo começa a assobiar” (VERISSIMO, 2005, p. 67); “João Benévolo caminha e vai aos poucos esquecendo Ponciano, a mulher, o seu drama” (VERISSIMO, 2005, p. 93); “Mas uma tarde descobriu entre os livros velhos do pai um volume sem capa: *O homem invisível*. Esqueceu tudo e saiu a gritar para os vizinhos” (VERISSIMO, 2005, p. 167). O recurso à leitura como mecanismo para acionar o esquecimento de episódios e pessoas, como já ocorreu no primeiro romance de Erico, *Clarissa*, e ressurgiu agora no segundo, será constante nas demais obras.

Segundo Paul Ricoeur (2007), um dos motivos para se querer esquecer determinados fatos é a busca do prazer. Sem levar em consideração o esquecimento comandado e manipulado, deseja-se olvidar algo que, de alguma maneira, é um bloqueio ou um trauma,

algo que impede a alegria. Segundo Freud, em *Além do princípio do prazer*, evitar o desprazer é a motivação de todo ato humano:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1996, p. 6)

As estratégias utilizadas pelas personagens para fugir das lembranças desagradáveis são variadas ao longo das obras de Erico. Uma delas é usar o ser amado para atingir o desejado olvido, como ocorre com Fernanda e Noel, personagens de *Um lugar ao sol*. Antes do matrimônio, ele via Fernanda como um esconderijo para esquecer de suas covardias: “Sentados na escada da casa dela, Noel se esquecia de que a sua vida não tinha sentido. Amava Fernanda. Fernanda o amava. E de repente, um dia, pareceu-lhe que tudo se resolveria dum modo maravilhoso” (VERISSIMO, 2000, p. 168). Como visto, Fernanda busca refúgio e é refúgio para o desejado esquecimento. Ela usava, no enredo de *Caminhos Cruzados*, a imagem de seu marido para esquecer dos problemas causados por ele mesmo, enquanto Noel pensa nela para olvidar da situação em que se encontra devido ao casamento. É um jogo dialético de utilizar a própria lembrança dolorosa para esquecê-la, transformá-la em uma distração da realidade. Como ambos não são capazes de controlar suas memórias e, também, os acontecimentos externos, criam um artifício de usar um a lembrança do outro para ter um momento de felicidade.

Além deste casal, outras personagens usam o ser amado para se distrair de lembranças enfermas, como é caso de Vasco durante a Guerra Civil Espanhola e sua pretendente Clarissa; Eugênia com Olívia; o Tenente; Floriano e sua cunhada; Rodrigo e Bibiana – e vice-versa – e Rodrigo e Flora, também recíprocos em suas ações.

As guerras, em geral, são campos férteis para o surgimento de traumas e para o desejo individual e coletivo do esquecimento. Além disso, os conflitos bélicos propiciam o esquecimento comandado através de anistias ou decretos explícitos como “esta parcela do passado não deve ser mencionada”. Assim, a partir das guerras, há propensão ao olvido como refúgio, em que os envolvidos buscam maneiras de fugir às lembranças, esquecimento involuntário, pois, mesmo desejando obliterá-las, as recordações voltam à mente, olvido de

reserva, sendo momentaneamente apaziguado através de distrações, o já mencionado esquecimento imposto politicamente, e a discussão sobre a impossibilidade do apagamento dos episódios, mais salientado pelo trauma.

Na grande maioria das vezes, a carga memorialística oriunda das guerras, é evitada por ex-combatentes ou outros diretamente envolvidos, fazendo uso de refúgios para dela se esconder em atividades como se embriagar, se envolver em casos amorosos, frequentar casas noturnas, caminhar, trabalhar arduamente, dormir mais do que o necessário, ler, escrever, viajar, entre tantas outras, ou as tentando substituir por reminiscências agradáveis, praticando, dessa forma, o esquecimento de reserva. Porém, nesses casos, o trauma persiste, pois não há catarse das lembranças enfermas, apenas sua substituição ou obliteração por pequenos intervalos de tempo.

Por isso, as guerras são mencionadas por vários estudiosos que se dedicaram ao olvido e aos traumas, como Sigmund Freud, Paul Ricoeur, Friedrich Nietzsche, e, sobretudo, Harald Weinrich (2001), que as classifica como “orgias do esquecimento”, propícias, assim, à arte do olvido. A partir disso, é possível afirmar que a grande maioria dos envolvidos em conflitos bélicos elabora, mesmo sem saber, uma letotécnica em seu cotidiano, fazendo a dialética de lembrar e repelir, e exercendo os mais diversos tipos de esquecimento com o intuito, muitas vezes não atingido, de superar os traumas. Como é o caso do Conde Oskar, e de outros personagens de Erico Verissimo que estiveram envolvidos em guerras, como Vasco Bruno, Rodrigo Cambará, Floriano, e as mulheres que indiretamente participaram, como Ana Terra, Maria Valéria, Bibiana, Flora e Sílvia.

Em todas as obras de Erico Verissimo, uma ou mais personagens utilizam meios de olvidar algo desagradável ou danoso. Algumas das condutas se repetem, outras são próprias de cada um e do contexto em que se encontram. O ato de dormir é a maneira mais recorrente que as personagens usam como refúgio para tentar esquecer, com dez diferentes personagens a ele se entregando; é seguido da lembrança do ser amado e de escutar música, com sete aparições; da leitura, com cinco; da escrita, do trabalho, da embriaguez, da boemia, das caminhadas e da lembrança do filho, todos com três. Os demais recursos - como pilotar avião, assoviar, esgaravatar o nariz, pensar em dinheiro, frequentar barbearia, ir ao cinema, fingir que é outra pessoa, pensar em Deus, ir ao parque - aparecem uma ou duas vezes.

A partir da análise das menções aos refúgios das lembranças nos romances de Erico Verissimo, evidencia-se que as personagens sentem-se inertes em relação ao fluxo memorialístico, e a desejada paz através do apagamento total de uma reminiscência enferma é lograda em pequenos intervalos de distração.

Esquecimento involuntário

Em todas as produções romanescas de Erico Verissimo, discute-se sobre o esquecimento em suas diversas facetas. Além do caracterizado como refúgio, há, também, o esquecimento involuntário, ou seja, determinadas personagens olvidam fatos e pessoas, mesmo não o desejando, ou não fazendo nenhum esforço para tanto, e refletem ao longo dos enredos, travando discussões sobre a ineficácia da memória e, não raras vezes, referindo como isso perturba ou favorece suas vidas.

Sigmund Freud (1969), discorre sobre os lapsos de memória que ocorrem no dia a dia, como o esquecimento de nomes próprios e de pequenos afazeres, e os justifica segundo o princípio do prazer, ou seja, se algo nos evoca algum tipo de descontentamento ou incômodo, tende a ser repellido da mente. Em alguns casos, o fato olvidado não provoca desprazer, mas está, de alguma forma, relacionado com isso, como vemos na explicação do psicanalista acerca dos nomes obliterados da memória, mas que serve para outras ocorrências de esquecimento:

Num grande número de casos um nome é esquecido, não porque ele próprio desperte esses motivos, mas porque - graças à semelhança fonética e à homofonia - ele toca em *outro* nome contra o qual se voltam esses motivos. Como é compreensível, esse relaxamento das condições facilita extraordinariamente a ocorrência do fenômeno. [...] Em geral, podem-se distinguir dois tipos principais de esquecimento de nomes: os casos em que o próprio nome toca em algo desagradável e aqueles em que ele se liga a outro nome que tem esse efeito. Assim, os nomes podem ter sua reprodução perturbada por sua própria causa, ou por causa de seus vínculos ou associativos mais próximos ou mais distantes. (FREUD, 1969, p. 32)

E acrescenta, assim como outros estudiosos, que o esquecimento é uma incógnita, não há uma constatação científica dos motivos que levam ao suposto apagamento de certas reminiscências e a manutenção de outras, como no exemplo mencionado em sua obra de que, se duas pessoas fazem, juntas, a mesma viagem, cada uma lembrará de detalhes distintos e olvidará de outros completamente díspares. Porém, a partir da análise dos relatos de seus pacientes, Freud afirma que: “Posso antecipar o resultado uniforme de toda a série de

observações: *na totalidade dos casos, o esquecimento mostrou basear-se num motivo de desprazer*” (FREUD, 1969, p. 92). Ou podem ser momentaneamente obliterados da mente e retornar quando isso for apropriado, o que consiste num olvido de reserva, e que vai ao encontro do que Freud admoesta: “Também convém lembrar que nem tudo o que se supõe esquecido realmente o está” (FREUD, 1969, p. 176).

Segundo Paul Ricoeur, que reitera as premissas freudianas sobre o olvido, o esquecimento é um mistério, pois não se pode afirmar, de fonte fenomenológica, se esquecemos realmente algo, ou se a lembrança permanece nas profundezas do inconsciente, aguardando um estopim para vir à tona. Quando a personagem Clarissa, por exemplo, tenta lembrar um excerto do livro e não consegue, não se sabe se ela realmente esqueceu, ou se apenas não soube motivar a lembrança da mesma. Conforme o autor: “como se, vindo das profundezas do esquecimento, a dupla valência da destruição e da perseverança se perpetuasse até as camadas superficiais do esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 449).

Apesar de ser o tipo de olvido com menor incidência, há vários exemplos em distintos romances. O exemplo mais preciso e completo que está em equilíbrio com as premissas dos estudiosos mencionados ocorre com o Desconhecido de *Noite*, na medida em que é narrado o processo completo, isto é, o contexto em que ele, sem desejar, perdeu a memória. Porém, as lembranças eram tão dolorosas que, inconscientemente, ele almejou a obliteração. Depois, o período em que ele esteve desmemoriado, ou em estado crepuscular como é denominado no enredo, até receber os estímulos que quebraram o escudo protetor contra as memórias enfermas. Uma vez que sua amnésia foi provocada por trauma sexual, o primeiro estopim para seu desbloqueio foi dormir com uma prostituta e adormecer. Quando acorda, as lembranças de seu lar e esposa começam, lentamente, a retornar. Logo, ao sair para a rua em busca de sua casa, ouve um homem de branco tocando um instrumento musical, o que evoca reminiscências da infância que são pré-traumáticas, a saber, de suas tias que tocavam piano e as quais o banhavam, esfregando seu corpo e referindo-se a ele como um objeto sujo e pecaminoso, o que o deixava muito constrangido e com sentimento de culpa.

Ademais, ao passar por um mercadinho, sente o cheiro de jasmims-do-cabo, o que rapidamente evoca uma lembrança dolorosa da infância: “Naquela noite de verão e lua cheia a janela estava aberta para o jardim e a fragrância dos jasmims enchia o quarto” (VERISSIMO, 1980, p. 116). Nesta noite, acordou escutando gemidos no quarto dos pais e acreditou que sua

mãe, ao invés de estar no ato sexual com seu pai, estava sendo assassinada. Essas duas ocorrências da infância se transformaram em traumas e revivem em sua mente entrementes ao momento em que está deitado com a meretriz ruiva numa pensão barata e, no quarto ao lado, o corcunda maltrata uma jovem prostituta, e ambos acontecimentos lhe causam repugnância. As lembranças de outrora, somadas aos acontecimentos do presente, são os estímulos associativos para desbloquear o motivo da desmemória. Então, ele se lembra que, na grande maioria das vezes, foi impotente ao tentar praticar sexo com a cômpute e, por isso, se sentia ofendido sempre que ela o tentava estimular. Numa certa ocasião, a ofende profundamente, tentando afastá-la. Assim, sua esposa vai embora, causando seu bloqueio mnemônico.

Erico Verissimo descreve com precisão psicanalítica todo o processo de bloqueamento supostamente involuntário da memória da personagem, os possíveis motivos do subconsciente para isso e o retorno das lembranças, mostrando que os caminhos percorridos pelo que a mente olvida ou conserva são determinados pelo princípio do prazer e que lembranças associativas podem fazer ressurgir o que se acreditava estar apagado. Além de mostrar que um trauma que causa uma amnésia é, na verdade, uma cadeia de acontecimentos dolorosos que chega ao ápice quando se atinge o Estado Segundo, ou seja, um choque muito grande capaz de parar o fluxo das reminiscências. Com o Desconhecido, o bloqueio mnemônico durou apenas uma noite, porque ele logo se deparou com fatos que estimularam sua memória a trabalhar, mas, em outros, pode perdurar muito mais tempo, até que a conjuntura presente forneça estímulos que evoquem as lembranças do pretérito que estão adormecidas.

E, como constatamos com Freud e na exegese das ocorrências de olvido involuntário nas narrativas de Erico Verissimo, o princípio do prazer não comanda apenas os casos traumáticos e amnésicos, mas todos os episódios de esquecimento aparentemente despropositados e perfunctórios, pois, na verdade, demonstram os desejos do inconsciente que tem seus motivos para obliterar reminiscências. Se o foco de atenção ou o valor atribuído a uma lembrança mudam, pode-se alterar o processo de recalçamento, conferindo ao que era repellido o caráter de lembrança apaziguada e, até mesmo, almejada.

Esquecimento de reserva

Uma das maneiras como o esquecimento se faz presente na produção romanesca de Erico Verissimo é enquanto reserva, ou seja, uma personagem acredita ter olvidado um

acontecimento, uma pessoa, um trauma, ou similares e, inesperadamente, é surpreendida pelo retorno de determinada reminiscência. Diferente do esquecimento involuntário, no qual há o apagamento temporário de uma lembrança sem nenhum esforço, o olvido de reserva é quando se acredita que isso ocorreu, porém, devido a uma determinada associação que incita a mente, um fato ressurge do passado. Quando ocorre a recuperação de uma lembrança que se considerava perdida, de olvido involuntário passa-se a um esquecimento de reserva, ou, como denomina Paul Ricoeur, à uma memória feliz, que mostra a presença do passado no devir temporal:

[...] esse desejo não é primeiro vislumbrado como um voto, mas como uma pretensão, uma reivindicação – um claim – onerado por uma aporia inicial cujo enunciado me agradou repetir, a aporia que constitui a representação presente de uma coisa ausente marcada pelo selo da anterioridade, da distância temporal. (RICOEUR, 2007, p. 502)

A memória feliz, ou esquecimento de reserva em ação, ultrapassa o dilema da presença da ausência, operando o reconhecimento que é considerado pelo autor como um milagre:

Enquanto milagre, também ele pode faltar. Mas quando ele se produz, sob os dedos que folheiam um álbum de fotos, ou quando do encontro inesperado de uma pessoa conhecida, ou quando da evocação silenciosa de um ser ausente ou desaparecido para sempre, escapa o grito “É ele! É ela!”. E a mesma saudação acompanha gradualmente, sob cores menos vivas, um acontecimento rememorado, uma habilidade reconquistada, um estado de coisas de novo promovido à “reconhecimento”. Todo o fazer-memória resume-se assim no reconhecimento. (RICOEUR, 2007, p. 502)

Santo Agostinho, no Livro X da segunda parte de suas *Confissões*, aborda a problemática da memória e do esquecimento e, assim como os demais estudiosos já mencionados, acredita ser ainda um mistério os processos mnemônicos que determinam a supressão de algumas lembranças e a vivência de outras. E, no Capítulo XVI, denominado *A memória do esquecimento*, discorre sobre o esquecimento de reserva:

E quando falo do esquecimento, e reconheço de que falo, como poderia eu reconhecê-lo se dele não lembrasse? Não falo do som da palavra, mas da realidade que ela exprime. Se eu a tivesse esquecido, não seria capaz de reconhecer o significado de tal som. Por isso, quando me lembro da memória é por ela mesmo que se apresenta a mim; mas quando me lembro do esquecimento, este e a memória estão presentes simultaneamente: a memória, com que me recordo, e o esquecimento, de que me recordo. Mas, que é o esquecimento, senão falta de memória? E como pode ele estar presente na minha lembrança. Se sua lembrança

significa não lembrar? Mas se nos lembramos, o guardamos na memória, e se nos é impossível reconhecer o que significa a palavra esquecimento, quando a ouvimos, a não ser que dele nos lembremos, logo a memória é a que retém o esquecimento. Ele está na memória, pois do contrário, nós o esqueceríamos; mas, ele presente, nós nos esquecemos. Segue-se que ele não está presente à memória por si mesmo, quando nos lembramos dele, mas por sua imagem. Do contrário, o esquecimento não faria com que nos lembrássemos, mas com que nos esquecêsemos. Contudo, seja qual for o mecanismo desse fenômeno, e por mais incompreensível e inexplicável que seja, estou certo de que me lembro do esquecimento, que apaga da memória, todas as nossas lembranças. (AGOSTINHO, 2007, p. 99-100)

A memória retém o supostamente esquecido e o libera no momento oportuno que, muitas vezes, difere do instante que o desejamos reviver: “Não podemos pois, afirmar que nos esquecemos completamente daquilo de que nos lembramos ter esquecido. De nenhum modo poderíamos resgatar uma lembrança perdida se seu esquecimento fosse total” (AGOSTINHO, 2007, p. 101).

É o que acontece, por exemplo, com Clarissa, em romance de mesmo nome, quando o narrador comenta, e ela reflete:

Clarissa enxerga mentalmente a horta da casa dos pais: couves, repolhos, batatas, abóboras e tomates ao sol; por entre as folhas verdes (a troco de que até das pequenas coisas a gente se lembra?) passeiam insetos, bichinhos coloridos, os manduruvás cor de fogo estão colados aos troncos das árvores”. (VERISSIMO, 2003, p. 114)

A própria personagem se surpreende e se indaga sobre o caráter anacrônico das lembranças, não podendo governar, muitas vezes, o que recorda e quando o faz. Ao reviver mentalmente detalhes de sua casa de outrora, e se perguntar “a troco de que lembramos das pequenas coisas?”, mostra que aquilo que, aparentemente, havia sido olvidado, retorna à superfície, a uma lembrança juntam-se antigas e, dessa forma, transformam-se os acontecimentos.

O mesmo questionamento acontece com a personagem Amaro, ao ser confrontado por lembranças de sua tenra idade: “Eram recordações boas. Tudo aquilo tinha ficado muito longe no passado. Verdade é que a gente nunca esquece a infância. Pieguices? Mas, que é que a vida nos pode oferecer de melhor, de mais puro?” (VERISSIMO, 2003, p. 40). Em outro momento, Clarissa está escrevendo uma carta e é surpreendida pela lembrança de uma leitura de jornal:

As letras lhe dançam sob os olhos, baralhadas, trêmulas. E, por uma estranha associação de ideias, em lugar do papel do bloco, Clarissa vê uma folha de jornal, uma folha de jornal que um dia, há muito tempo, ela leu e guardou no fundo da

memória, uma folha de jornal que relatava um crime monstruoso. (VERISSIMO, 2003, p. 152)

Paul Ricoeur (2007), ao discorrer sobre o esquecimento em diálogo com a história e a memória, trata do olvido de reserva em contraposição ao profundo, que é o total apagamento dos rastros:

O acesso aos presumidos rastros psíquicos é totalmente diverso. Ele é muito mais dissimulado. Só se fala dele retrospectivamente, com base em experiências precisas que têm como modelo o reconhecimento das imagens do passado; essas experiências fazem pensar, ulteriormente, que muitas lembranças, talvez as mais preciosas entre as lembranças de infância, não foram definitivamente apagadas, mas apenas tornadas inacessíveis, indisponíveis [...]. (RICOEUR, 2007, p. 426)

Com o esquecimento de reserva torna-se possível vivenciar a dialética entre passado e presente, pois aquele avança sobre este, constituindo-o. O presente está sempre repleto de novas atualizações de lembranças, e aquilo que se considerava apagado, retorna: “Esquecemos muito menos do que acreditamos ou tememos” (RICOEUR, 2007, p. 448).

E, mais uma vez a personagem Clarissa, no enredo de *Música ao longe*, é exemplo para o surgimento de lembranças aparentemente apagadas e, além disso, para a própria discussão do que é esquecimento de reserva, pois reflete: “E de repente ela se lembra... Parece que foi ontem. Bem como agora, Vasco estava debaixo da figueira. (Que coisa curiosa, a memória da gente. Fatos que pareciam esquecidos de repente brotam claros, como se estivéssemos vendo e vivendo de novo)” (VERISSIMO, 2005, p.121). Ela mesma, mais uma vez, se espanta com o caráter muitas vezes anacrônico do ressurgimento de reminiscências.

De acordo com Henri Bergson, em *Matéria e memória* (2006), nossos atos, nossas percepções e experiências, estão mais preenchidos de passado, ou seja, de lembranças, do que de vivências do momento:

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (BERGSON, 2006, p. 30)

Por isso o esquecimento de reserva é tão persistente; ele representa o esforço do cérebro ao se deparar com uma nova percepção, tentando reconhecê-la e associá-la a imagens similares. Constata-se em *Clarissa*, quando ela se espanta com o fato de ser possível

lembrar-se de pequenos detalhes, aparentemente triviais, do pretérito. Ou ao afirmar que fatos “supostamente esquecidos” brotam e ajudam na significação do instante presente.

Uma das personagens que evidencia a constância das lembranças na reserva apesar de se lutar para exterminá-las é Gabriel Heliodoro, de *O senhor embaixador*, uma vez que concentra-se sempre no presente, afugenta as lembranças de seu passado durante a narrativa, desejando esquecer a mãe prostituta e o pai desconhecido. Entretanto, esses fatos retornam à sua mente: “Mas quem era seu pai? – pensou amargo. E de repente a imagem da mãe lhe voltou, nítida, à mente. E uma sombra lhe escureceu o rosto por alguns instantes” (VERISSIMO, 1965, p.64). Ele odeia seu passado e faz tudo para esquecê-lo. Mesmo quando há olvido de reserva, explícito na voz do narrador ou do discurso indireto livre, a personagem afirma não lembrar de certos fatos de sua infância ou juventude, como no excerto abaixo, quando sua amante pergunta se não tinha espelho e ele nega, mesmo lembrando que sua mãe possuía um para se arrumar para seus clientes:

- Não havia espelhos na sua casa? Ele não respondeu. Lembrou-se de que sua mãe possuía um espelho barato, desses de moldura dourada que se compram em feiras. Era diante dele que ela costumava pentear-se e pintar-se. Muitas vezes Gabriel Heliodoro vira os machos que dormiam com sua mãe arrumarem na frente daquele vidro trincado suas gravatas e seus dólãs militares, seus chapéus e seus quepes. Era por isso que odiava aquele espelho. [...] - Não tinha espelho em casa? – repetiu Rosália. - Não me lembro. (VERISSIMO, 1965, p. 113)

O Senhor Embaixador é um dos romances de Erico Verissimo em que menos se discutem atividades mnemônicas, falando em quantidade de personagens e citações, mas não na pertinência do conteúdo, pois o protagonista, Gabriel Heliodoro, reflete sobre o intuito de esquecer seu passado, chegando a fazer disso um objetivo constante na sua vida, afirmando que “domesticou sua memória” para só lembrar o que lhe convém. No entanto, mesmo exercitando-a de modo que o satisfaça, ela continua sendo labiríntica e traiçoeira, ao ponto de aparecer em um excerto, que foi suprimido na versão final, a seguinte constatação: “Desde que chegara a Washington, sempre que pensava no passado, ficava com a impressão de que todo ele havia sido invenção pura, invenção sua” (ALEV, 01a0011-1965)².

Mais adiante, em outro trecho cortado no original, Gabriel Heliodoro prova que sua tentativa de educar a memória de acordo com suas preferências de lembranças é vã, na

² ALEV (Acervo Literário Erico Verissimo) – localizado no Instituto Moreira Salles (RJ), no qual há originais de obras, esboços, cartas, agendas, diários, entre outros documentos referentes ao autor.

medida em que se admira ao recordar de sua primeira amante, a qual deveria estar enterrada nas profundezas do esquecimento:

Gabriel Heliodoro soltou um suspiro. A coisa mais estranha do mundo era estar ele mais de quarenta anos depois daquele incidente de sua vida de menino, estar lembrando-se de Juana ao mesmo tempo que olhava para os automóveis que subiam ou desciam a Massachusetts Avenue. (ALEV, 01a0011-1965)

A partir da exegese das ocorrências de esquecimento de reserva nos romances de Erico Verissimo, nas suas memórias e nos documentos do seu acervo, constatamos que este material literário está alinhado aos estudos de Paul Ricoeur (2007), Jacques Le Goff (1992) e Henri Bergson (2006) a respeito do tema. O primeiro cunha o conceito de memória feliz, que é similar ao olvido de reserva, posto que consiste no alegre reconhecimento do supostamente perdido, ato que ocorre constantemente em nossas vidas e na das personagens de Erico, como Clarissa, por exemplo. Além disso, afirma que esquecemos muito menos do que acreditamos, ou seja, mantemos muitas lembranças recalcadas que esperam o instante adequado para serem suscitadas. É válido acrescentar que o conceito de memória feliz refere-se ao fato da constatação de que não é possível apagar instantes temporais. Porém, isso é, algumas vezes, desfavorável, pois, como muitas personagens de Erico o demonstram, há o desejo de manter obliterados certos acontecimentos que teimam em reviver.

Bergson, por sua vez, é mais denso em sua análise sobre a relação entre memória e olvido, afirmando que o desabrochar do reprimido confere muito mais autenticidade às percepções atuais e pode até substituí-las, isto é, nossa vida está muito mais relacionada com a memória do que com o presente, e o que está oculto é muito importante para o fluxo temporal. O que a memória feliz, ou esquecimento de reserva, acrescenta a um instante é muito maior que a percepção porque intercala momentos temporais múltiplos no jogo dialético de lembrar e esquecer, reviver lembranças e as afugentar, guardando-as na reserva.

E, ainda, Le Goff nos auxilia em seu raciocínio semelhante aos dois outros estudiosos, a saber: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1992, p. 477). Assim, o esquecimento de reserva está presente praticamente em todo ato humano, em todas as nossas percepções e na premissa de que não há informação do pretérito que tenha sido perdida, pois elas se mantêm ocultas para, logo, contribuírem com o presente e com o futuro.

Esquecimento político

De todos os tipos de esquecimento que existem, e que perpassam a produção romanesca de Erico Verissimo – refúgio, involuntário, reserva, impossível – o olvido político (forçado) é o mais polêmico e problemático. Isso ocorre porque ele não é desejado, como o refúgio, ou ocorre naturalmente, como o involuntário, ou o de reserva, que ressurgem das profundezas, mas é imposto à pessoa, ou a grupos sociais, e é uma manifestação de poder e de dominação. Nos romances analisados, vemos que há, basicamente, duas maneiras desse esquecimento se manifestar, a saber, imposto politicamente a grupos sociais, ou autoimposto, quando é conveniente para um personagem olvidar ou tentar que outros o façam. Em ambos os casos, há uma memória proibida que, de acordo com Paul Ricoeur (2007), pode abordar tanto questões internas, ou seja pessoais, quanto externas, isto é, sociais, históricas ou políticas. Quando tratamos deste tipo de esquecimento, não se faz menção aos casos psicopatológicos que são, geralmente, involuntários, mas sim de elucubrações ardilosas que tentam burlar o fluxo natural do ressurgimento de lembranças, manipulando as memórias de uma pessoa ou grupo de cidadãos.

Este panorama abarca os crimes contra a memória, os quais, além de sufocar as reminiscências dos envolvidos no período dos acontecimentos, impedem que futuras gerações tomem conhecimento dos fatos. Por isso, a tarefa primordial dos historiadores, e analistas de textos, é desbloquear esses silêncios e problematizá-los, como admoesta Jacques Le Goff (1992):

Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta, penso que é preciso ir mais longe, questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. (LE GOFF, 1992, p. 109)

Russel Jacoby, em sua obra *Amnésia social* (1977), segue a mesma linha de raciocínio de Jacques Le Goff, pois rejeita a obsolescência do pensamento. Para ele, a sociedade está programada para esquecer determinados fatos e períodos, o que chega a ser uma espécie de doença da atualidade, ou seja, discriminar o passado, desprezá-lo, sem reflexão, em prol de algo novo. A população, na grande maioria das vezes, faz isso automaticamente, entretanto, há um controle planejado em jogo:

Problemas e ideias examinados em determinados momentos desaparecem e caem no esquecimento, ressurgindo posteriormente como recentes e novos. E este processo parece estar se intensificando: cada vez mais rapidamente a sociedade lembra-se menos e menos. O sinal dos tempos é o pensamento submetido à moda; ele despreza o passado, considerado antiquado e elogia o presente como o que há de melhor. O próprio esquecimento é comandado por uma crença inabalável no progresso: o que vem mais tarde é necessariamente melhor do que o que veio antes. Hoje, sem romancear o passado, quase poderia afirmar-se o inverso: o novo é pior que o velho. (JACOBY, 1977, p. 16)

O autor enfatiza que o olvido generalizado não se deve apenas a fatos psicológicos, tampouco a um esquecimento involuntário, e sim a uma amnésia social, resultante de uma dinâmica que impõe a atividade letícia a determinados acontecimentos. Uma das explicações possíveis que Russell Jacoby fornece é o conceito marxista de reificação, ou seja, a ilusão operada nos indivíduos de que tudo é natural e coisificado, no intuito de preservar o *status quo*: “O esquecimento e a repressão da atividade humana e social que faz e pode refazer a sociedade. A perda social da memória é um tipo de reificação – melhor ainda, é a forma primordial da reificação” (JACOBY, 1977, p. 19).

Os donos do poder aspiram ao olvido de situações polêmicas ou controversas, impondo-o aos indivíduos de forma ora implícita, ora explícita. Erico Verissimo aborda este tipo de olvido a partir de *O resto é silêncio*, ou seja, já na maturidade de sua produção romanesca. À medida que vai se aprofundando, o esquecimento político aparece com mais intensidade em suas narrativas, culminando em *Incidente em Antares*, que é uma verdadeira metáfora deste fenômeno psíquico e, sobretudo, social.

Erico lança *Clarissa*, seu primeiro romance, em 1933, seguido de *Caminhos Cruzados* (1935), *Música ao longe* (1935), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938) e *Saga* (1940) e é somente em 1943, com *O resto é silêncio*, que a personagem Tônio Santiago põe em xeque o esquecimento comandado:

Tônio ergueu-se. Passara a manhã a rabiscar notas. Estava decidido a começar um novo romance. Borboleteara sobre vários temas. Procurava esquecer a guerra, convencer-se de que, mau grado todos os sinais de desastre que andavam pelo mundo, a vida em seus traços elementares não deixaria de ser o que sempre fora. [...] Acontece ainda – refletia Tônio – que nossas almas têm estranhas veredas. Podemos ouvir ou ler, chocados em maior ou menor grau, a notícia dum massacre de crianças, e esquecer o fato no instante seguinte, continuando a viver como se nada tivesse acontecido. No entanto, se na rua um amigo estimado nos nega o cumprimento, voltamos para casa abalados e passamos uma noite insone, a nos revolver na cama e a pensar no “fato”, com uma impressão de catástrofe. (VERISSIMO, 1995, p. 55)

Vemos como Tônio Santiago discorre sobre a tendência humana de esquecer, isto é, parece que estamos programados para o estorrecimento diante de catástrofes e, ato contínuo, olvidá-las facilmente, seguindo nossas rotinas. É exatamente o que Russell Jacoby (1977) adverte, em relação ao esquecimento de eventos históricos, de que tal processo não é apenas psíquico e natural, mas ordenado por um grupo que assim o deseja, o qual, de alguma maneira, lucra enquanto dados são ocultados.

Em todos os romances supracitados, encontramos menções ao esquecimento forçado, ora a nível individual, ora a nível social. Porém, em nenhum deles é tão polêmico como em *Incidente em Antares*, sendo quase a personagem principal da narrativa, o cerne do enredo, ou seja, fazer, a todo custo, com que todos os cidadãos olvidem do acontecimento insólito em que sete mortos retornam à praça pública e expõem segredos.

Uma camada da população de Antares não quer contar com a sorte, ou com o curso natural do tempo que impõe o olvido, e sistematiza-o, forçando os demais a apagar da memória os vestígios do macabro incidente e de suas consequências. Dessa forma, quando há rumores de que um jornalista da capital irá publicar um artigo sobre o assunto, o prefeito trata de convocar ajudantes e, juntos, resolvem apressar o esquecimento. Primeiro, sugerem que seja decretado que houve alucinação generalizada na população, uma vez que não há provas materiais que comprovem que sete mortos discursaram na praça, expondo corrupções, mentiras, traições, roubos, entre outros: “- Podemos confiar *sempre* no testemunho de nossos sentidos? Devemos dar crédito ilimitado à nossa memória?” (VERISSIMO, 1999, p. 461). Na dúvida sobre a eficácia desta tática, o professor Libindo Olivares declara:

- Eis o que proponho – respondeu o amigo de Platão, Sócrates e outros filósofos da antiguidade. – Organizar uma campanha muito hábil, sutilíssima, no sentido de *apagar esse fato* não só dos anais de Antares como também da memória de seus habitantes. Sugiro (aqui entre nós) um nome para esse movimento: *Operação Borracha*. [...] Podemos contar com vários aliados nessa campanha, a saber: o tempo, que tem uma função de borracha e de água, pois aos poucos vai apagando e lavando tudo [...]. (VERISSIMO, 1999, p. 461)

A operação proposta pelo professor, apesar de o retorno dos mortos se tratar de um acontecimento fantástico, pode ser considerada um exemplo de memoricídio, ou seja, impedir que a população fale, lembre, rememore e manifeste repercussões sobre um determinado acontecimento ou período histórico. O objetivo da *Operação Borracha* é lutar contra os

lugares de memória, exterminá-los, mesmo que para isso seja necessário liquidar não apenas textos, fotos, anais, mas pessoas.

De acordo com Pierre Nora (1993), a razão fundamental dos lugares de memória “[...] é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial” (NORA, 1993, p. 7). Assim, o que o professor Libindo sugere é justamente impor o esquecimento, e não bloqueá-lo, que seria o que um artigo jornalístico poderia fazer.

Outro exemplo de trabalhar contra lugares de memória, neste caso uma pessoa, é quando o jornalista Lucas Faia tenta defender sua ideia de que divulgar o incidente, e ser fiel à sua memória, pode ser profícuo, mas é rebatido: “Negar o que se passou é um perigo. E depois, meus amigos e conterrâneos, procurem olhar o fenômeno por outro prisma. Se os fatos forem narrados honestamente, da maneira como aconteceram, Antares gozará o seu momento de notoriedade e aparecerá no noticiário” (VERISSIMO, 1999, p. 462). Ele lê seu artigo para os demais presentes, tentando convencê-los:

O jornalista começou a ler com voz cuidadosamente modulada, de entonação pausadamente dramática, a sua narrativa dos acontecimentos de sexta-feira 13: a descida dos mortos pela Rua Voluntários da Pátria, semeando o pavor nas almas, o confronto na praça (sem entrar em pormenores), a invasão dos ratos, a presença dos abutres em torno do coreto, etc...etc... A leitura durou mais de meia hora, ao cabo da qual suando copiosamente, Lucas dobrou os papéis e atochou-os nervosamente num dos bolsos do casaco. (VERISSIMO, 1999, p. 463)

Apesar de sua narrativa já ser comedida e passar pelo filtro político “sem entrar em pormenores”, é um lugar de memória que serviria para perpetuar a fatídica sexta-feira. No entanto, o promotor manda-o queimar os originais, maneira mais eficaz de cometer memoricídio e assegurar o esquecimento do incidente. Além disso, o prefeito propõe “Ninguém viu nada, porque nada aconteceu, compreende? E você também vai esquecer o que pensa que viu... Está compreendendo?” (VERISSIMO, 1999, p. 464).

O mesmo ocorre com o fotógrafo Yaroslav que, não obstante haver fotografado os mortos e estes não aparecerem nas revelações do negativo, teima que os viu, cheirou e escutou. Porém, o prefeito o desencoraja de propagar suas afirmações, ameaçando-o de extradição:

- Se você continuar dizendo por aí que viu mesmo os mortos no coreto, eu cancelo a sua licença de fotógrafo ambulante! E se você reincidir na sua mentira, a prefeitura

tratará da sua extradição para a Tchecoslováquia... e aí você vai ver como é duro viver nesses países do outro lado da Cortina de Ferro. O fotógrafo coçou a barba e a cabeça baixa, murmurou: - Está bem. Vou esquecer o que vi. - Viu o quê? – explodiu o chefe do executivo municipal. – Você não viu coisa nenhuma! – Então vou esquecer “o que não vi”. (VERISSIMO, 1999, p. 475)

Por um curto período de tempo, alguns cidadãos ainda persistem em lembrar o incidente e propagá-lo: “A *Operação Borracha* continuava, a despeito dos esforços em contrário feitos pelas esquerdas e pelas cartas anônimas” (VERISSIMO, 1999, p. 469). No entanto, logo se desiludem e se entregam ao esquecimento:

E o tempo, com sua pachorra, sua paciência, e sua sutil e invisível broxa foi passando mãos de esquecimento no espírito dos antaresenses e até nas pedras e plantas da cidade. Os ventos, que sopraram com frequência naquele fim de dezembro, ajudaram muito o tempo na sua operação de limpeza e esquecimento. E vieram também fortes chuvas. E alguns casais que ainda estavam separados por causa das intrigas do Barcelona, reconciliaram-se. (VERISSIMO, 1999, p. 476)

Esse fenômeno de rápido esquecimento é descrito por Pierre Nora como Aceleração Histórica:

Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. Fala-se tanto em memória porque ela não existe mais. [...] O que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo – e a história, que é o que nossas sociedades, condenadas ao esquecimento, fazem do passado, porque levadas pela mudança. (NORA, 1993, p. 7)

O impulso dado pelas autoridades de Antares ao intuito de apagar todos os lugares de memória referentes ao incidente, aliado à amnésia social que paira na sociedade e à aceleração histórica, garantem o êxito da *Operação Borracha*: “Sete anos após aquela terrível sexta-feira 13 de dezembro de 1963, pode-se afirmar, sem risco de exagero, que Antares esqueceu o seu macabro incidente. Ou então sabe fingir muito bem” (VERISSIMO, 1999, p. 484).

Além de ser uma obra de enredo altamente original, irônico e sarcástico, traz à tona problemáticas sociais, como a Ditadura Militar e seus efeitos malignos, e questões de definição histórica, como o esquecimento imposto e a amnésia social que invade a sociedade atual, sendo um mal da contemporaneidade, a qual tende a apagar os lugares de memória sem

valorizá-los e questioná-los. Isso torna-se um problema, pois um povo sem memória, especialmente sem as lembranças de atrocidades, é muito fácil de ser ludibriado.

Felizmente, obras literárias como *Incidente em Antares* são uma espécie de lâmpada a iluminar fatos que poderiam, por estratégias do olvido político e da amnésia social, cair na escuridão do esquecimento. Além disso, contamos com a premissa, defendida por Paul Ricoeur (2007), de que sempre há uma dupla valência, ou seja, contra o esquecimento destruidor, aquele que preserva, isto é, a destruição e a perseverança coincidindo *ad infinitum*.

Partindo das afirmativas bergsonianas, Ricoeur estabelece uma cadeia conceitual que nos auxilia a explicar a concomitância entre o olvido que tenta apagar e o que intenciona perpetuar, a saber: “[...] sobrevivência igual latência igual impotência igual inconsciência igual existência. O vínculo da cadeia é a convicção de que o devir não significa fundamentalmente passagem, mas, sob o signo da memória, duração” (RICOEUR, 2007, p. 443). Dessa forma, mesmo que um indivíduo, ou grupo de pessoas, utilizando de determinado poder, impeça o acesso às lembranças e aos lugares de memória, ou proíba a perpetuação de reminiscências através de comentários, diálogos ou publicações, a latência é incontrolável e pode, a qualquer momento, se tornar explícita.

Como vimos nos casos oriundos das obras romanescas de Erico, o pretérito não pode ser simplesmente exterminado. Um exemplo ocorre com Rodrigo Cambará, em *O tempo e o vento* que, até o fim da vida, tentou, sem êxito, apagar a lembrança de Toni Weber da sua consciência e da mente da esposa e do irmão. Ou as autoridades de Antares que objetivaram extinguir todos os lugares de memória relativos ao incidente, porém, mesmo depois de anos, o narrador dá indícios de que o olvido que perpetua prevaleceu sobre o destruidor, pois alerta que a população sabe “fingir” que esqueceu.

Destarte, o esquecimento de reserva trava uma luta infundável contra o olvido autoimposto ou imposto politicamente, na medida em que ninguém é capaz de fazer com o que não é mais não tenha ocorrido. E esse tendo-sido, isto é, a duração das reminiscências mesmo que encobertas por certo período, confere ao esquecimento o caráter de recurso mnemônico, e não a inexorável destruição. Assim, mesmo que haja tentativas e se use diversas artimanhas para encobrir lembranças, o olvido nunca poderá ser considerado absoluto. Pierre Nora, em *Entre memória e história: a problemática do lugares* (1993), nos auxilia a sintetizar a dinâmica da latência e recorrência de lembranças:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas e repentinas revitalizações [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, p.8-9)

Seu raciocínio é semelhante ao de Henri Bergson (2006), quando afirma que toda percepção é impregnada de várias reminiscências e que o passado está em ininterrupta atualização e, numa delas, é provável que uma memória proibida, que fora manipulada por autoridades ou autoimposta como um dever do esquecimento, retorne e altere sentidos.

Esquecimento impossível

Um dos questionamentos propostos por Paul Ricoeur em *A memória, a história e o esquecimento* (2007) é sobre a possibilidade de haver um esquecimento absoluto, tenaz, sem deixar rastros e sem a possibilidade de retorno, mesmo quando recebe estímulos apropriados.

Suas indagações são: Que lugar a questão do esquecimento ocupará no quadro das disfunções da memória? O esquecimento é realmente uma disfunção? Existe um olvido por apagamento de rastros? Essas perguntas reiteram o predicativo do esquecimento ser uma espécie de *phármakon*, ora veneno, ora remédio, na medida em que, se há olvido absoluto, pode ser ótimo quando é uma lembrança ruim, ao passo que é assustador quando se resume a uma reminiscência agradável. Em sua investigação, Paul Ricoeur constata que:

Nas ciências neuronais, costuma-se enfrentar diretamente o problema dos rastros mnésicos, visando a localizá-los ou a subordinar as questões de topografia às de conexão, de hierarquia de arquiteturas sinápticas; daí, passa-se às relações entre organização e função e, com base nessa correlação, identifica-se o correspondente mental (ou psíquico) do cortical em termos de representações e de imagens, entre as quais as imagens mnésicas. O esquecimento é então evocado nas proximidades das disfunções das operações mnésicas, na fronteira entre o normal e o patológico. (RICOEUR, 2007, p. 428)

E acrescenta que o olvido absoluto é uma ameaça para todo ser humano, por isso desenvolvemos a *ars memoriae*, pois lutamos contra essa possibilidade diariamente: “Em resumo, o esquecimento é deplorado da mesma forma que o envelhecimento ou a morte: é uma das facetas do inelutável, do irremediável” (RICOEUR, 2007, p. 435). Isso pode ser

nitidamente comprovado com as personagens dos romances de Erico Verissimo, pois algumas desejam o olvido definitivo, outras buscam maneiras de evitá-lo, como no caso dos escritores.

Um exemplo de esquecimento impossível aparece já no primeiro romance do escritor, em que a protagonista se inquieta com a impossibilidade de olvidar: “Clarissa se ergue devagar. Com passos lentos quase sem sentir, se dirige para a escada. Vai pensando mil coisas... Não pode esquecer o Zuza com o seu ar truculento, as suas bochechas gordas, os braços carnudos” (VERISSIMO, 2003, p. 142). Isso ocorre porque a menina estava brincando com os vizinhos, iniciando uma amizade, tendo um instante de alegria que fora interrompido pela mãe das crianças, a qual os proibia de socializar, chegando a tirar o Zuza à força da pensão onde Clarissa vive. Depois do ocorrido, ela não consegue apagá-lo da mente.

Há outra ocasião em que a mocinha, mesmo desejando, não pode atingir o esquecimento, ou seja, sobre o aflitivo dia das provas escolares: “Como Clarissa se lembra de tudo, como lhe ficaram nítidos todos os pormenores daquele último dia de exame” (VERISSIMO, 2003, p. 224). Logo após ser aprovada e terminar o curso de Magistério na capital gaúcha, ela retorna à sua cidade natal. Na véspera da partida, sente-se nostálgica e, antecipando um esquecimento involuntário, decreta: “No alpendre, diante do poleiro do papagaio, Clarissa se detém. O Mandarin ginga, dum lado para outro, mergulha o bico na plumagem verde. Os seus olhinhos foscos são duas contas minúsculas, imóveis. Clarissa pensa: Adeus, Mandarin. Eu não vou me esquecer de você” (VERISSIMO, 2003, p. 225). Neste caso, a impossibilidade de esquecer algo seria profícua para ela, que não almeja olvidar o bichinho, tampouco as doces lembranças de seu tempo de normalista, ou as pessoas com as quais conviveu.

Henri Bergson nos auxilia a entender que é quase impossível o absoluto esquecimento. Mesmo em casos patológicos ele pode retornar, pois toda nossa vida é impregnada de passado, cada atualização temporal, cada percepção traz consigo um sem-número de lembranças: “praticamente percebemos apenas o passado, o presente “puro” sendo o inapreensível progresso do passado roendo o porvir” (BERGSON, 2006, p. 291). Dessa forma, o esquecimento se torna um recurso e não uma destruição, ou seja, mesmo que um indivíduo esqueça momentaneamente episódios, ou tenha amnésia, o passado é legado da coletividade, sempre haverá alguém, em algum momento, apto a trazê-lo novamente à luz. Ricoeur nos esclarece que:

Em resumo, o esquecimento reveste-se de uma significação positiva na medida em que o tendo-sido prevalece sobre o não mais ser na significação vinculada à ideia do passado. O tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho da lembrança. Finalmente, a ambiguidade primeira do esquecimento destruidor e do esquecimento fundador permanece fundamentalmente indecível. Não há, para vistas humanas, ponto de vista superior de onde se vislumbraria a fonte comum ao destruir e ao construir. Não há, para nós, balanço possível dessa grande dramaturgia do ser. (RICOEUR, 2007, p. 451)

Essa dúvida quanto à possibilidade de um apagamento total de lembranças, sendo ora maléfico, ora benéfico, causa angústia em algumas personagens dos romances de Erico Verissimo. Para elas, a possibilidade de haver o esquecimento total dos rastros causa mais preocupações do que lembranças indesejáveis recorrentes, especialmente quando se referem à morte. Ela causa repulsão em alguns justamente quando lembram que podem desaparecer da memória individual e coletiva, como é o caso de João de Deus em *Um lugar ao sol*. Sua morte faz com que o narrador discorra sobre a probabilidade do apagamento total de lembranças:

E agora ali estava, coberto de flores, o corpo sem vida de João de Deus. Das suas lutas, dos seus dissabores, dos seus heroísmos, das suas fraquezas, das suas paixões, do que havia feito de bom ou de mau – só restava alguma coisa na memória dos que o haviam conhecido. Com o tempo as lembranças se iam descolorindo. E sua vida ficaria resumida no epitáfio breve que iam deixar na sua sepultura. (VERISSIMO, 2000, p. 28)

Apesar de que a morte com certeza vai, aos poucos, afastando a lembrança da pessoa, no final do excerto acima temos a confirmação de que o esquecimento total, mesmo no falecimento, é impossível, pois o epitáfio já é suficiente para trazer à tona as lembranças. Pode apenas provocar uma reminiscência fugaz, ou ser uma anagnorese, ou seja, aquele momento de feliz despertar, quando algo parecia ter desaparecido, e, por acionar-se um gatilho na mente, tudo retorna.

Harald Weinrich (2001), em *Lete: arte e crítica do esquecimento*, dedica uma parte de seu estudo para discorrer sobre a morte:

A morte é o mais poderoso agente do esquecimento. Mas não é onipotente. Pois os homens desde sempre ergueram trincheiras de recordação contra o esquecimento na morte, de modo que rastros que fazem concluir a existência de uma memória dos mortos são considerados por arqueólogos e estudiosos da história os mais seguros sinais de que existiu uma civilização humana. Os rituais de culto aos mortos, com seus pedidos, sacrifícios e ofertas nos túmulos, em muitos casos servem em primeiro lugar para assegurar aos mortos um certo bem-estar no Além. Mas os monumentos fúnebres fitam os vivos exortando-os a não esquecerem os seus mortos, e mesmo

assim às vezes a esquecê-los um pouco, porque “a vida continua”. Portanto o tempo se liga antes com o esquecer do que com o lembrar. (WEINRICH, 2001, p. 49)

Nas anotações das agendas de Erico Verissimo, catalogadas em seu acervo no Instituto Moreira Salles (RJ), constatamos que a preocupação com a morte e o subsequente esquecimento instigavam o escritor para além de seus enredos, pois há citações sobre este tema, resultantes de seu estudo da obra do filósofo Martin Heidegger:

Heidegger is probably right in suggesting that anxiety – the typical modern phenomenon called worry – is movted in the fear of death. [...] Death has its grandeur – but a grandeur which iluminies and aggrandises existence. It’s death which creates time³. (ALEV, 04b0058-1974)

Além dos vários exemplos oriundos dos romances publicados, confirmando a discussão sobre o esquecimento impossível na produção romanesca de Erico Verissimo, no acervo do escritor há uma sinopse para um futuro romance, denominado *A longa noite*, o qual não foi escrito, tampouco publicado. Com algumas modificações, foi transformado em parte de *O tempo e o vento*, e mostra indícios de que também trataria da improbabilidade do olvido perfeito:

Novembro de 1844. Dar densidade dramática. Conflito surdo entre Valéria e a nora Glória. Onofre preocupado com o ataque, o parto da filha e sua situação financeira. Rememoração da Guerra Civil em sua memória. Diálogos interiores. Ideias? Prós e contras. Flora com aquela ânsia sem nome dos dezoito anos. Maneco silenciosamente apaixonado pela mulher de Antonio. Este preocupado com o nascimento do filho e com a guerra. Alzira sofrendo porque depois de vários anos de casada ainda não teve filhos. Flora vê Raimundo Santiago entrar. E depois não consegue esquecer-se dele. A ação termina ao raiar do dia. Maria Valéria nasceu. O tiroteio continua. (ALEV, 04E0049-s.d.)

Notem-se as duas premissas leteicas, a saber, a “rememoração da Guerra Civil” pulsando na memória, e a personagem Flora não conseguindo esquecer Raimundo Santiago. Tais fatos certamente renderiam afirmativas sobre a persistência das lembranças e a constatação da impossibilidade de se atingir o esquecimento absoluto.

Outra citação, oriunda das agendas de seu acervo, que corrobora a resistência das lembranças apesar dos subterfúgios para eliminá-las, é: “A memória é uma trapaceira. Sempre tem cartas marcadas escondidas nas mangas de seu casaco” (ALEV, 040-023-1974).

³ Heidegger está provavelmente certo ao sugerir que a ansiedade – o típico fenômeno moderno chamado preocupação – é motivada pelo medo da morte. A morte tem sua grandeza – mas uma grandeza que ilumina e engrandece a existência. É a morte que cria o tempo (tradução minha).

Assim, quando se acredita ter driblado os caminhos mnemônicos e sepultado uma lembrança no rio Lete, a memória exhibe a reminiscência que escondera e muda o percurso, acrescentando, à nova percepção, antigas lembranças e conferindo a concomitância do ausente no presente e a constatação, defendida pelos estudiosos consultados – Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Henri Bergson, Paul Ricoeur, Harald Weinrich, Santo Agostinho – de que esquecemos muito menos do acreditamos ou tememos e de que o olvido é uma dinâmica que responde ao princípio do prazer, seja ele consciente ou inconsciente.

Considerações finais

O principal objetivo que norteou minha exegese da produção romanesca de Erico Verissimo foi mostrar que o esquecimento, em suas diversas facetas, é constante e determina os enredos a ponto de se tornar um *leitmotiv*.

O último tipo de esquecimento analisado, ou seja, o impossível, pode ser considerado uma sùmula e uma culminância de todos os demais e dos preceitos de todas as obras teóricas consultadas, ou seja, a constatação de que esquecemos muito menos do que tememos e de que as lembranças não são simplesmente subtraídas, apenas retiradas do centro de atenção.

A impossibilidade de apagar definitivamente memórias faz as personagens buscarem os refúgios. O esquecimento que não foi desejado – o involuntário – mostra que as lembranças retornam. O olvido de reserva está em direta associação com a improbabilidade de extermínio de lembranças, pois, como seu nome denota, elas estavam guardadas, não extintas. E os exemplos de esquecimento imposto evidenciam que sempre há uma centelha mnemônica esperando o momento adequado para ser desobstruída.

Todos os exemplos oriundos das obras e dos preceitos teóricos esmiuçados em minha análise fornecem uma nova leitura aos romances de Erico Verissimo, em que o esquecimento é motriz, e comprovam a hipótese de que, devido à grande recorrência e ao fato de determinar personagens e enredos, o olvido é um dos *leitmotiv* da produção literária do autor.

A fortuna crítica aponta a liberdade como um dos temas centrais da produção de Erico, e, em suas memórias, ele a define como o principal escopo literário e humano. Dessa forma, o esquecimento cria um vértice dialógico com esse outro *leitmotiv*, na medida em que a mente, materializada na convergência entre memória e esquecimento, é o único campo em que o ser humano não consegue ser totalmente livre, pois não conduz as reminiscências a seu

bel-prazer. Não é independente para proscrever lembranças, apenas reeditá-las. Apesar da ânsia pela liberdade individual e social, muitos continuam cativos das memórias, como é o caso, por exemplo, de Vasco Bruno que, muito embora tenha se libertado do campo de concentração dos voluntários republicanos da Guerra Civil Espanhola, se manteve preso às lembranças do conflito, ou Eugênio, que conseguiu a liberdade financeira, mas é encarcerado à carga memorialística, ou Rodrigo Cambará, que salienta seu caráter libertino, mas é refém de alguns traumas, entre tantos outros.

Portanto, o esquecimento não é dialético apenas em suas aparições individuais ou entre os seus vários tipos, mas também dialoga com os outros temas das obras analisadas e, assim, torna-se, como afirma Paul Ricoeur (2007), tão importante quanto a memória na dinâmica do fluxo temporal.

Referências bibliográficas

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CARPEAUX, Otto Maria. Erico Verissimo e o público. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias*. 4 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
- FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Tradução de Alan Tyson. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer: Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Tradução de Alan Tyson. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir, elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise*. Tradução de Alan Tyson. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JACOBY, Russell. *Amnésia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História*, PUCSP, p.7-28,1993.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- <SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Digitação Lucia Maria Csernik, 2007. Disponível em https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- VERISSIMO, Erico. *Clarissa*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2003.
- VERISSIMO, Erico. *Música ao longe*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VERISSIMO, Erico. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. 35. ed. São Paulo: Globo, 2000.
- VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VERISSIMO, Erico. *O Continente*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.1.

- VERISSIMO, Erico. *O Continente*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.v.2.
VERISSIMO, Erico. *O Retrato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.1.
VERISSIMO, Erico. *O Retrato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.2.
VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.1.
VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.2.
VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.3.
VERISSIMO, Erico. *Noite*. 12. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.
VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.
VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 51. ed. São Paulo: Globo, 1999.
WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

Referências do Acervo Literário Erico Verissimo (ALEV)

- VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. (ALEV 01a0011. 1965).
VERISSIMO, Erico. (ALEV 04b0058. 1974).
VERISSIMO, Erico. (ALEV 040-023. 1974).
VERISSIMO, Erico. *A longa noite*. (ALEV 04E0049. s.d.).

Recebido em: 05/05/2021; Aceito em: 23/08/2021.